

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

JULIA CAROLINE SILVA MAIA

CORRE FORREST, CORRE:

Uma análise fílmica de *Forrest Gump - O Contador de Histórias* (Robert Zemeckis, 1994)

Monografia

Mariana

2024

JULIA CAROLINE SILVA MAIA

CORRE FORREST, CORRE:

Uma análise fílmica de *Forrest Gump - O Contador de Histórias* (Robert Zemeckis, 1994)

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Medrado Soares Araújo

Mariana

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M217c Maia, Julia Caroline Silva.

Corre Forrest, corre [manuscrito]: uma análise fílmica de Forrest Gump - O Contador de Histórias (Robert Zemeckis, 1994). / Julia Caroline Silva Maia. - 2024.
52 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Arthur Medrado Soares Araújo.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Cinema americano. 2. Cultura - Estados Unidos. 3. Memória coletiva na arte. I. Araújo, Arthur Medrado Soares. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 791

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Julia Caroline Silva Maia

CORRE FORREST, CORRE: Uma análise fílmica de Forrest Gump - O Contador de Histórias (Robert Zemeckis, 1994)

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 23 de fevereiro de 2024

Membros da banca

Prof. Dr. Arthur Medrado S. Araujo (Orientador - UFOP)
Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado (UFOP)
Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa (UFOP)

Arthur Medrado S. Araujo orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/02/2024



Documento assinado eletronicamente por **Arthur Medrado Soares Araujo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/02/2024, às 22:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0674005** e o código CRC **A4B9AE70**.

AGRADECIMENTOS

O tempo passou, e a vontade de agradecer não. Chegado enfim o momento, devo uma gratidão enorme a todos que acompanharam, influenciaram, ou que tiveram se quer, uma participação em pelo menos uma palavra deste trabalho.

Primeiro, a minha mãe Cidália, que um dia se permitiu sonhar com uma graduação em jornalismo, me dando apoio, asas e a liberdade de poder realizar esse sonho que se tornou nosso.

Às minhas avós, Tereza Moisés e Tereza Goulart, que me ensinaram a alegria de viver, mesmo em momento de extrema dificuldade e a acreditar em mim mesma.

Ao querido ‘Clube dos Cinco’, mais precisamente a Livia Maria, Carla Cruz, Lucas Miranda e Xexéu, que desde o primeiro dia de aula, tornaram a graduação em uma cidade longe do meu berço, algo muito mais leve e fácil de ser conduzida.

A República Rasga Saia, que me deu mais do que um lar em uma cidade desconhecida, me possibilitou a oportunidade de ter irmãs que eu jamais pude ter.

A Andréia Carolina por nunca ter soltado a minha mão, até mesmo quando eu já tinha soltado e nunca ter me deixado desistir. Você foi a parte mais importante durante a reta final deste trabalho.

Ao Rodrigo Ribeiro, o meu primeiro supervisor e a Pilares Relações Públicas que acreditaram no meu trabalho e me ajudaram a me tornar a profissional que sou hoje.

Ao meu orientador Arthur Medrado, pela parceria, apoio, dedicação e por jamais desistir de mim. Você me fez vencer o que eu achava que era um ‘bicho de sete cabeças’ e tornou tudo mais leve.

Por fim, e com tamanha importância, à Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

Mamãe sempre dizia que a vida é como uma caixa de bombons,

você nunca sabe o que vai encontrar.

Forrest Gump - O Contador de Histórias (1994)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é entender a forma pela qual o filme “Forrest Gump – O Contador de Histórias”, de 1994, que conta com a direção de Robert Zemeckis, distribuído no mundo todo pela Paramount Pictures, apresenta a história dos Estados Unidos e faz questionamentos e provocações em relação ao filme analisado, especialmente nos dias atuais. Além disso, a pesquisa reflete a importância do contexto cultural como contexto ideológico, e o processo de construção de um personagem a partir da análise de aspectos culturais de movimentos marcantes naquele contexto como os Panteras Negras e o Movimento Hippie. A partir do percurso de pesquisa surgiram algumas perspectivas críticas quanto às visões e os personagens do filme. Conclui-se que em certa medida o filme não funcionaria nos tempos atuais e que provavelmente não teria o alcance que teve há 30 anos pois geraria grande discussão nos meios de mídia, redes sociais e nos canais especializados.

Palavras chave: Memória, cultura americana, análise fílmica

ABSTRACT

The objective of this work is to understand the way in which the film “Forrest Gump – The Storyteller” presents the history of the United States and raises questions and provocations in relation to the film analyzed, especially today. Furthermore, the research reflects the importance of the cultural context as an ideological context, and the process of building a character based on the analysis of cultural aspects of notable movements in that context, such as the Black Panthers and the Hippie Movement. From the research path, some critical perspectives emerged regarding the visions and characters of the film. It is concluded that to some extent the film would not work in current times and that it would probably not have the reach it had 30 years ago as it would generate great discussion in the media, social networks and specialized channels.

Keywords: Memory, American culture, film analysis

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Esquema de jornada do herói	14
FIGURA 2 - Etapas da jornada do herói	14
FIGURA 3 - Folheto recebido por Forrest	26
FIGURA 4 - Poster do Tio Sam Jogando Baseball	29
FIGURA 5 – Forrest tenta salvar Bubba, que se despede dele	31
FIGURA 6 - Forrest discursando em manifestação contra a guerra do Vietnã	33
FIGURA 7 - Forrest durante um programa de entrevistas acompanhado de John Lennon	34
FIGURA 8 - Jenny e Forrest, já adultos, em frente à antiga casa de Jenny	37
FIGURA 9 - Forrest sendo apresentado aos Panteras Negras, junto de Jenny	40
FIGURA 10 - Jenny se despede de Forrest fazendo um sinal em V, o símbolo da paz	41
FIGURA 11 - Restaurante Bubba Gump em Monterrey, Califórnia	43
FIGURA 12 - Restaurante Bubba Gump no Pier de Santa Monica, na Califórnia	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ANÁLISE FILMÍCA	11
3 PROCESSOS E CONCEITOS: MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA	16
4 VALORES CULTURAIS AMERICANOS	20
5. ANALISANDO O FILME: A GUERRA	23
5.1 Convocação de Forrest para o Exército	25
5.2 O pós-guerra e os heróis de combate	30
6. RELAÇÕES DO PERSONAGEM:	34
6.1 A amizade de Bubba e Forrest	36
6.2 Movimentos culturais americanos: Panteras Negras e Hips	38
7. ALÉM DO FILME	44
8. REPENSANDO O FILME 30 ANOS DEPOIS: CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50

1.INTRODUÇÃO

“Meu nome é Forrest. Forrest Gump”.

A frase acima é a primeira que ouvimos na obra “Forrest Gump - O Contador de Histórias”, de 1994, que conta com a assinatura de Robert Zemeckis, quando Forrest cumprimenta a mulher que acabara de sentar-se no banco em que está, enquanto aguarda o ônibus. Meu primeiro contato com o filme, foi justamente em uma aula de Filosofia, no ensino médio, por volta do segundo ano, onde falávamos sobre a Guerra, mas o que me chamou de fato a atenção é que não se tratava de um filme documental onde apresentavam-se fatos e imagens históricas, mas sim de um personagem que era moldado à medida que esses fatos históricos de um país eram apresentados. Isso se torna evidente logo na primeira cena, onde, lembrando dos sapatos especiais para suas pernas, Forrest lembra um velho conhecido, no qual lhe ensinou a dançar: Elvis Presley, o rei do rock. Através das lembranças de sua vida, começa a saga de um personagem, aliás, que se coloca como parte da história americana.

A monografia aqui se justifica como uma busca pela compreensão de fatores que nos levam a conhecer a história de um personagem baseando-se na história de um determinado país, Por se tratar de um filme ficcional de drama que tem como inspiração um dos militares mais condecorados com medalhas nos Estados Unidos, e um dos maiores estúdios do país em sua produção, a Paramount Pictures, o filme de Robert Zemeckis chama a atenção ao nos prender a leitura da história de um homem, ao mesmo tempo em que contorna uma visão própria da narrativa da história dos Estados Unidos. Por meio de uma análise deste produto, pretendo compreender o filme como um todo. A observação de cenas e discursos, por exemplo, possibilitou a compreensão do personagem Forrest Gump, seu comportamento e sua inserção em um contexto histórico específico. O filme vencedor de vários prêmios, dentre eles seis Oscars, incluindo o de “Melhor Filme” e “Melhor Ator”¹, para Tom Hanks, tem uma importância política, cultural, histórica e estética reconhecida no mundo todo.

Marcelo Enrique Pereira (2005) nos traz uma discussão, em sua dissertação, sobre como os filmes ficcionais podem ser tratados como documentos históricos. Seu trabalho, apesar de estar focado mais na restauração do cinema e dos filmes, possui grande relevância, pois reafirma a importância da memória coletiva trabalhada no audiovisual. O autor destaca a importância dos

¹ 67ª Entrega dos Prêmios da Academia, Oscar 1995

filmes como documentos de história pois resgatam a memória de toda uma sociedade, e até mesmo de épocas.

A autora Cecília Azevedo (2016), trabalha justamente a clareza e simplicidade com que o filme “Forrest Gump” trata os assuntos complexos da época, abordando os acontecimentos das décadas de 60 e 70. Azevedo declara que o filme não faz julgamentos, apesar dos vários entendimentos, e argumenta que a relação Cinema - Memória - História vem “contribuindo para a consolidação de memórias e mitos nacionais de forma muito mais efetiva do que os esforços feitos no mesmo sentido ou em sentido contrário pela academia, currículos e livros escolares, já que constrói e conta narrativas sobre o passado”. (AZEVEDO, 2016).

A produção pode ser considerada uma vertente do imaginário norte-americano, já que resgata aspectos históricos e culturais do país. No período pós primeira guerra, o país teve um grande avanço econômico e interno, apesar de ainda ser muito desigual em sua distribuição de renda. Para Fraga (2015, p. 5), no início do século XX, grande parte da elite se baseava na doutrina do darwinismo social, “segundo a qual o grande poder político e econômico refletia o sucesso natural dos mais aptos da sociedade” (apud Karnal, 2014), o que me faz lembrar que somente depois de ter recebido certo reconhecimento e ter ganho dinheiro, Forrest passou a ser respeitado e não mais chamado de “idiota”. Além disso, nos traz fortes vertentes da “ideologia” americana. Está presente nas cenas, uma certa idolatria aos heróis de guerra, tendo os Estados Unidos o maior exército do mundo, aqui se justifica a jornada do herói, presença constante nos filmes assinados por Zemeckis.

Citando Vogler (1997), Alessandra de Freitas (2015), afirma que, ao término de uma história/filme, o indivíduo/espectador apresenta a sensação de que aprendeu algo sobre a vida ou sobre si mesmo e que adquiriu uma nova compreensão das coisas. “Os cineastas são considerados contadores de histórias que utilizam os princípios da mitologia – estruturas míticas – para criar suas histórias” (VOGLER, 1997 apud FREITAS, 2015).

Assim, a produção de Robert Zemeckis, utilizando do imaginário e da memória coletiva, constrói sua narrativa a partir da história ficcional de um personagem e acontecimentos verdadeiros. Passando pelos apontamentos, o questionamento que fica é: de que maneira Forrest Gump é apresentado como um personagem central nos Estados Unidos, à medida que é apresentada uma ideologia particular sobre os acontecimentos marcantes para a história do país?

No percurso desta monografia, refletimos sobre a figura do personagem na medida em que ele é colocado como uma espécie de produto em uma vitrine para conhecermos seus

hábitos e costumes. A inserção de cenas, muitas das quais são criadas a partir de montagens -, para ilustrar os diálogos do protagonista com outras pessoas que circulam nas ruas, e a busca pela similaridade da linguagem da época serão peças chaves para a compreensão do personagem, que se constrói através de sua narrativa memorialística, e imagens de fatos históricos dos Estados Unidos.

Portanto, neste trabalho foram analisadas cenas onde Forrest Gump é introduzido em imagens reais, a entrevista onde Forrest é apresentado a John Lennon, depois que volta do Vietnã, além da observação de releituras do diretor e roteirista do filme de atos reais, como a Guerra do Vietnã, o surgimento da Apple e os movimentos Hippie e Panteras Negras. Serão analisadas também narrativas de origem mercadológica, como o restaurante *Bubba Gump*, passando também pelos valores e costumes da cultura americana, o patriotismo enraizado, o sonho americano, seu conhecido slogan *make America great again*, introduzido durante as eleições presidenciais de 1980, pelo candidato Ronald Reagan. Por fim, o comportamento de Forrest também terá atenção neste trabalho. Suas relações com as mulheres que passaram em sua vida, a amizade com Bubba e o Tenente Den, e por último, seu conhecimento como um contador de histórias.

2. ANÁLISE FÍLMICA

Para produzir essa análise foi necessário o mapeamento das referências que o filme faz da história americana através das imagens de arquivo e encenações da história de vida do protagonista como parte da construção da narrativa. A análise fílmica representa um ponto crucial na interpretação da linguagem cinematográfica, desvendando os inúmeros elementos que compõem uma obra e sua influência na experiência do espectador. Diversas abordagens teóricas têm se dedicado a desentranhar os segredos da narrativa visual, desde a composição de quadros até a simbologia presente nos personagens. Luiz Nazario pontua:

Pode-se analisar um filme como ideologia; como filme; como produto cultural; como documento; e assim por diante. O critério prático é o de restringir a análise à verificação das intenções realizadas ou fracassadas do diretor, dos elementos constitutivos da produção, da mensagem e do que resta no produto final da proposta de satisfazer setores específicos ou a massa do público. (NAZARIO apud CAPUZZO, 1986, p. 106)

Fotografia e direção de arte emergem como elementos visuais fundamentais, moldando a estética única de um filme. A escolha de paletas de cores, iluminação cuidadosa e a construção de cenários desempenham papéis cruciais na transmissão da atmosfera desejada pelo diretor. Em *Forrest Gump*, é possível observarmos tons marrons, branco, o uso de imagens em preto e branco e também paleta de cores em verde oliva, ou também conhecido por verde militar.

O enquadramento, outra ferramenta poderosa, influencia diretamente a percepção do espectador e o direcionamento do foco. A posição da câmera, a escolha de planos e a composição de cada quadro contribuem para a construção e impacto da história. Já a edição e montagem, por sua vez, desempenham um papel essencial na criação do ritmo e da fluidez de um filme. A sequência de cortes, o *timing* preciso e a escolha de transições moldam a narrativa temporal, afetando as emoções e reações do público. O interessante aqui é que ao observarmos o enquadramento, montagem, foco e também edição, notamos que por diversas vezes, o corte da cena, se dá com Forrest em destaque, em atos de pensar, como se estivesse sendo surpreendido pela abordagem da cena.

Destaca-se a assinatura única do diretor em uma obra, considerando o filme como uma expressão artística que reflete sua identidade autoral, como no caso de *Forrest Gump*, a visão americana de Robert Zemeckis se destaca. O diretor assina inúmeras obras facilmente lembradas, como *Náufrago*, de 2000, com o mesmo Tom Hanks no papel principal, *De Volta Para o Futuro*, de 1985, *O Expresso Polar*, de 2004, no qual viveria novamente a parceria com Hanks e outros inúmeros aclamados ou nem tanto, como no caso de *Pinóquio*, de 2022. Fato é

que analisando rapidamente todos esses filmes que Zemeckis está envolvido, a sensação é de buscar por trabalhar com a “jornada do herói”. Em *Interpretação e superinterpretação*, Umberto Eco (1993) problematiza a questão e nos leva a pensar, ao afirmar que “entre a intenção do autor (muito difícil de descobrir e frequentemente irrelevante para a interpretação de um texto) e a intenção do intérprete que parafraseando Richard Rorty, simplesmente pouco importa a qualidade de um texto, seu objetivo, suas ideias, suas linhas, se é longo ou curto, se não expressa suas ideias, existe uma terceira possibilidade: a intenção do texto.

Na prática, a aplicação dessas teorias pode ser observada em uma ampla variedade de filmes, desde clássicos até produções contemporâneas. A análise fílmica oferece uma visão para que a riqueza e complexidade do universo cinematográfico sejam postos a prova, como afirma Ana Lúcia Andrade (2022) “afinal, por mais que o cinema se preste à reflexão, também permite a satisfação, ampliando o olhar sobre as imagens e sons em movimento e prolongando o prazer de se assistir a um filme”.

Aqui, vou falar brevemente sobre construção de personagem utilizando novamente da já mencionada acima, jornada do herói, citando a três fases da história, sendo separação, iniciação e retorno, seguindo a sequência, onde o herói sai de seu mundo conhecido, ou sua cidade, como no caso de Forrest e adentra o desconhecido, superando obstáculos e sofrendo sua transformação no qual a história demanda, conforme os atos de guerra e pós-guerra, e por fim, o herói retorna ao seu mundo trazendo algo na bagagem, como as inúmeras histórias contadas no banco de ônibus por Forrest.

Sílvio Anaz (2020), pesquisador na área da comunicação e semiótica entende que a jornada do herói é formada e moldada à medida que são apresentados e deixado em evidências alguns arquétipos que fazem parte da personalidade do herói. O autor, referenciando Christopher Vogler (2015), define os oito principais, descrevendo também suas habilidades e funções psicológicas:

- Herói: o protagonista mais ativo, que representa o ego (transcendência do ego/separação), responsável por integrar todos os arquétipos, aquele que se auto-sacrifica, que passa obrigatoriamente por um crescimento/aprendizado (transformação), que enfrenta a morte, funcionando como principal janela do espectador na história e estabelecendo a identificação com a plateia; como no caso, Forrest Gump.

- Mentor: o self, o deus dentro de nós, relacionado à imagem de um dos pais, tem a função dramática de ensinar, motivar, inventar, presentear, plantar e iniciar; acredito que esse papel cabe a Senhora Gump, a mãe de Forrest.
- Guardião de limiar: representa as neuroses e tem como função criar obstáculos e testar o herói; se analisarmos a fundo, podemos encaixar a inocência de Forrest a esse arquétipo.
- arauto: aquele que anuncia as mudanças e desafia o herói; o tempo de Forrest no Vietnã se encaixa aqui.
- Camaleão: representa o *animus*/anima (arquétipos do masculino no feminino e de feminino no masculino, segundo Jung) e tem a função dramática de projetar o ideal interior e trazer dúvidas; acredito que o momento da morte de Bubba possa se encaixar aqui.
- Aliado: tem a função de humanizar o herói e acrescentar outras dimensões a sua personalidade, tornando-o mais aberto e equilibrado; como a busca incansável de Forrest por Jenny.
- Sombra: representa traumas, culpas e emoções negadas ou escondidas, tem a função dramática de desafiar o herói e é geralmente o principal antagonista; e
- Pícaro: representa a antítese do ego, tem como função dramática questionar o status quo, trazer para o real e gerar o alívio cômico.

Nesses dois últimos arquétipos consigo enxergar a relação de Forrest com o Tenente Dan, que embora apresentado como autoritário, acabou por precisar de Gump quando teve parte de seus membros inferiores amputados devido a ataques contra os americanos no Vietnã.

Sendo assim, podemos constatar que existe uma certa estrutura ao contar determinadas histórias. Esse processo consiste nas etapas da partida, em que um protagonista deixa sua zona familiar, da iniciação, em que o protagonista enfrenta o desconhecido e supera desafios, resultando em uma transformação pessoal, e do retorno, em que o protagonista transformado retorna à sua comunidade trazendo consigo alguma forma de recompensa ou em busca dela, como exemplifica-se a figura abaixo:

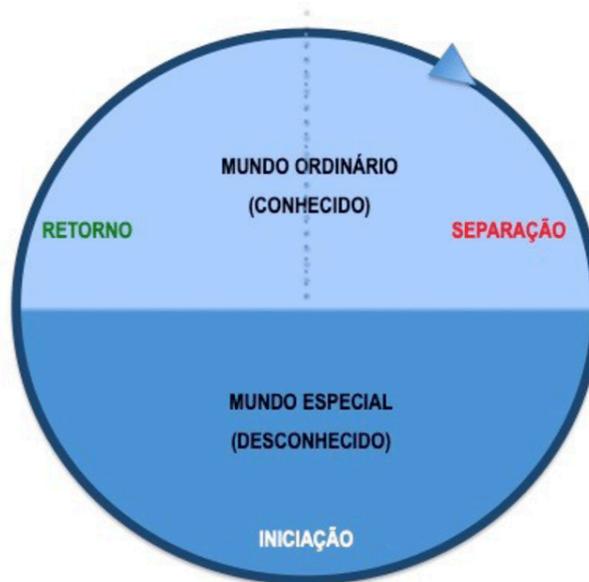


Foto 1:Esquema da jornada do herói, por Campbell:

Fonte: [Researchgate](#)

Já as etapas da jornada do herói são ilustradas da seguinte maneira na figura abaixo:

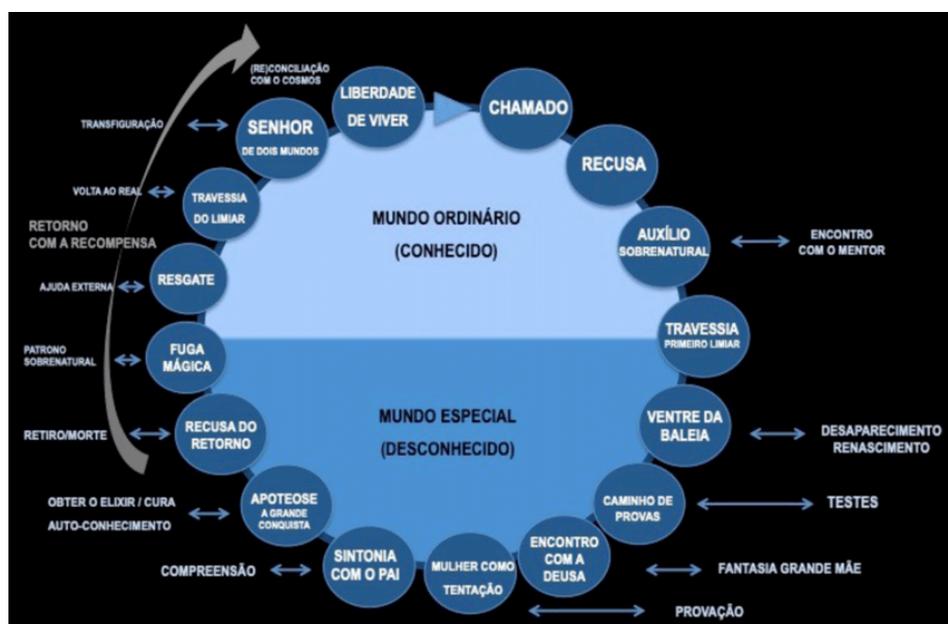


Figura 2: Etapas da jornada do herói

Fonte: [Reasearchgate](#)

As idéias de Campbell foram reinterpretadas por Christopher Vogler nos anos 1970. Vogler, atuando como roteirista e analista de roteiros para os grandes estúdios norte-americanos, desenvolveu a obra "*A Jornada do Escritor*". Neste trabalho, Vogler

aplicou de maneira prática os conceitos da jornada do herói, incorporando a clássica estrutura de três atos descrita por Aristóteles na Poética. Ele também examinou os principais arquétipos presentes nas narrativas e nos roteiros cinematográficos, utilizando as fases da jornada delineada por Campbell como base para avaliação e sugestão de ajustes.

Relacionando com o filme, a história de Forrest Gump pode ser vista como uma adaptação moderna da jornada do herói, como descrita por Campbell e popularizada por Vogler. Forrest, o protagonista do filme, passa por uma jornada de autodescoberta e superação, enfrentando diversos arquétipos ao longo do caminho. Ele se encaixa em papéis como o do "herói ingênuo", o "amigo/salvador" e o "herói que não desiste". Além disso, a estrutura narrativa do filme pode ser dividida em três atos, seguindo a clássica estrutura aristotélica, o que faz com que o público seja cativado pelo personagem.

3. PROCESSOS E CONCEITOS: MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA

Para iniciar essa parte, relembro que a memória individual tem participação ativa na construção da memória coletiva. Já que as lembranças íntimas estão inseridas em um grupo e tem diálogo ativo com seu meio de socialização, ao mesmo tempo em que, segundo Carvalhal (2006), citando Maurice Halbwachs (2004), sugere que a memória individual é desencadeada pela memória coletiva, pois as recordações são construídas no interior de um grupo. Sendo assim, nossas ideias, pensamentos e sentimentos são influenciados pelo grupo do qual fazemos parte. Ainda de acordo com Halbwachs, as lembranças podem ser reconstruídas através da vivência do grupo.

Partindo desse ponto, Rita Oliveira (2017), sugere que, o indivíduo particular cria simulações do passado, baseado na percepção de terceiros e também naquilo que imaginamos ou suponhamos que tenha acontecido, sendo assim, representações de uma memória histórica. Basicamente, nossas recordações são imagens que estão o tempo todo junto a outras imagens, sendo então, uma reconstrução do passado a partir do presente.

Pensando nesse contexto, a autora aponta um novo caminho que percorremos a partir dessas reconstruções que fazemos. “Quando nos lembramos de coisas que aconteceram conosco e com mais alguém, quando temos pontos comuns, podemos até mesmo fingir as lembranças, pois acabamos por expandir nossa percepção do passado, contando com outras informações dadas por outros integrantes do grupo” (OLIVEIRA, 2017).

Em contrapartida, Halbwachs pontua que a memória não deve ser encarada como imaginação, já que o processo de construção da memória tem como referência o sujeito. “Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratando de acontecimentos nos quais só estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, na realidade, nunca estamos sós”. (HALBWACHS, 2004)

Ainda sobre a constituição da memória individual e coletiva, Pollak (1992) indaga sobre seus caminhos. Em primeiro lugar, temos os acontecimentos pessoais, seguidos por aqueles que vivemos sem perceber, que se encaixam nos acontecimentos em grupo. É como se estivéssemos sempre em dúvida se vivemos ou não aquilo. O autor ainda defende que a memória é constituída por personagens que nos mostram narrativas temporais, como aqueles que encontramos durante o caminho de vida que traçamos, que nos encontram diretamente ou indiretamente e também pessoas que não pertencem ao nosso espaço e tempo.

O autor nos recorda de acontecimentos no qual viveu, ou seja, que fazem parte de sua memória. Além deles, temos os acontecimentos vividos pelo grupo no qual pertencemos ou frequentamos. São difíceis de serem descritos, pois pode-se dizer que não precisam ser vividos de verdade. Quando participamos de um grupo, nosso imaginário se amplia em função disso e acabamos por não ter total certeza se vivenciamos algo ou não. Podemos classificá-los também como acontecimentos que não fazem parte de nosso plano.

Existem lugares da memória. Podemos colocá-los como “lugares particularmente ligados a uma lembrança”, como aquele velho sofá na sala de estar, que ficava encostado na parede. Ou, parafraseando o filme, o banco de madeira no qual Forrest permanece sentado durante todo o filme, contando suas histórias. Quando falamos de “lugares de memória pública”, temos lugares de apoio, como a Residência Gump, de comemoração, como o barco de camarões, de lágrimas, como o quarto da senhora Gump ou o túmulo de sua amada Jenny e os mais variados imaginários, como a Rota 66, pela qual Forrest toma caminho rumo a travessia do país.

A narrativa apresentada por Zemeckis para o desenvolvimento da história do protagonista é cercada de relatos de sua vida pessoal e particular, que se relacionam com acontecimentos reais e históricos dos Estados Unidos, que são reforçados através das imagens e cenas montadas, ou seja, aquelas no qual imagens de arquivo são utilizadas e os atores são inseridos nelas, como uma espécie de colagem de retalhos, no caso, uma colagem de acontecimentos, a fim de evoluir na construção do personagem Forrest Gump.

Também devemos citar a memória social, Jacques Le Goff, um historiador francês que dedicou sua vida aos estudos da Idade Média, afirma que alguns elementos da investigação sobre a memória em áreas como psicologia, psicofisiologia, biologia e psiquiatria podem levantar questões relacionadas à memória histórica e social. Alguns pesquisadores associaram a memória a fenômenos intimamente ligados aos campos das ciências humanas e sociais. “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 2003).

O holandês José van Dijk (2004) em sua pesquisa apontava para paradigmas que se baseavam em conceitos de biblioteca e arquivo eram utilizados como metáforas que concebiam as memórias como registros estáticos do passado de um indivíduo. Esse paradigma ainda persiste em representações populares da memória e em noções do senso comum. No entanto, ao longo do século XX, tais concepções foram sendo superadas nos âmbitos acadêmico, cultural e

científico, dando lugar a conceitos "relacionais" que foram fortalecidos pelo trabalho de filósofos da mente e corroborados por neurobiologistas. Correlacionando com Le Goff, a ideia de van Dijk caminha entre os conceitos de memória. O autor ainda afirma que “memória pessoal cultural não está situada nem estritamente dentro do cérebro, nem fora, em artefatos tecnológicos ou na cultura, mas é o resultado de uma complexa interação entre cérebro, objetos materiais e a matriz cultural da qual eles emergem” (VAN DICK, 2007).

Outro autor que segue a mesma linha de raciocínio do holandês, é Jens Brockmeier, da The American University of Paris (2010), ao afirmar que novas abordagens transcendem a concepção de memória como um mero "arquivo" e proporcionam visões mais amplas e complexas, considerando também o aspecto cultural,

Uma questão crucial dessas visões é que elas transcendem o cérebro individual como sendo o único lugar dessas atividades, localizando as, ao contrário, em um complexo cenário de práticas e artefatos culturais, que são, eles próprios, sujeitos às mudanças históricas” (BROCKMEIER, 2010, p. 9).

Com base nesse conceito, que resume a memória como um produto da interseção entre elementos biológicos e sociais, a memória se estabelece como algo além de um fenômeno coletivo mental “mas também, produto de artefatos sociais e culturais, objetivados em paisagens, monumentos, museus, bibliotecas, computadores, rituais, calendários, aniversários e outras práticas e estruturas coletivas”. (BROCKMEIER, 2010)

Vale lembrar que a memória pode ser em parte herdada e isso não se refere apenas a vida física de uma pessoa. Memórias, nos lembra Michael Pollak, ao relacioná-la a identidade social, sofre frustrações em função do momento em que é articulada e de quando se expressa (por história oral, documentos ou nos produtos culturais, por exemplo). Ou seja: as preocupações do momento constituem elementos da estruturação da memória. Segundo o autor, isso também se dá em relação à memória coletiva, ainda que esteja bem mais organizada.

Pollak relembra que a memória de uma nação, ou seja, a memória nacional, é uma memória organizada e constitui um objeto de disputa. Nesse sentido, são comuns diversos conflitos quando se pretende enquadrar a memória nacional por meio de datas oficiais, por exemplo. O filme aqui analisado se atenta a essas disputas na medida em que trabalha com marcos da história, seja no período da guerra ou ao utilizar as imagens históricas. Pollak nos faz pensar: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (1992). E enfatiza a partir dos seus argumentos: “há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de

identidade” (idem). Sendo assim, os sentimentos de identidade de uma pessoa, ou de uma nação vão além da imagem que alguém faz de si e dos outros.

o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

E essa imagem constrói as representações na construção de uma identidade. Identidade essa que se configura como elemento fundamental para a formação dos valores culturais de uma nação.

4. VALORES CULTURAIS AMERICANOS

O conceito de “cultura” está relacionado a um conjunto de hábitos e comportamentos - padrão ou não - de um determinado grupo. Nisso, a cultura pode também ser colocada como aquela que se ocupa em entender os caminhos que levaram os mais diversos grupos sociais a desenvolverem suas ações de agora e suas perspectivas de futuro. É possível dizer que a cultura está ligada à diversidade como um todo e também a determinados grupos, sociedades e nações. José Luis dos Santos, em sua obra “O que é cultura”, da coleção Primeiros Passos afirma que “é sempre fundamental entender os sentidos que uma realidade cultural faz para aqueles que a vivem”. (SANTOS, 2017). Quando vamos mais a fundo nessas particularidades, entendemos a variação de meios que existem dentro delas.

Quando falamos de costumes e valores americanos, o que lembramos primeiro é o patriotismo narrado e relatado diversas vezes em produtos midiáticos como filmes, músicas e imagens. O amor à bandeira e a paixão pelo hino, *The Star-Spangled Banner*, tem em sua letra a necessidade de fazer com que os Estados Unidos sejam sempre uma potência diante o mundo, pois reforça que “a bandeira estrelada em triunfo balançará”, sendo assim, seus valores patriotas são ensinados, pois fazem parte de suas raízes, de fato. Os americanos que nascem já são apresentados ao “sonho americano²”, que busca princípios de liberdade, democracia, em busca do coletivo social de seus povos. Para Robert Merton (s.d), a realização significa que "a obrigação moral de obter sucesso exerce uma pressão no sentido de progredir, utilizando meios honestos, se possível, e desonestos, se necessário".

Durante o filme, vemos também fortes indícios de cultura americana. Logo no início nos é mostrado o surgimento de Elvis Presley, o rei do rock americano, como um simples hóspede da pensão da senhora Gump. O restaurante *Bubba Gump*, que hoje é uma referência de *sea food*, mas que também possui em seu cardápio outras comidas tradicionais americanas, além de possuir mais de 12 unidades espalhadas pelo mundo inteiro, por influência da produtora Paramount, a fim de comercializar o filme e aumentar as receitas por meio do mercado gastronômico. Isso aponta para o potencial mercadológico que a indústria cinematográfica tem nos Estados Unidos e também pela forma como a cultura do consumo se mostra presente.

Marcuse (1973) abre uma discussão sobre a razão tecnológica ter se tornado política, argumentando que “o aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz ‘vendem’ ou impõem o sistema social como um todo. (...) A doutrinação que eles portam deixa de ser

² Representa o sucesso absoluto, que só pode ser alcançado por quem mora no país. É a busca por um padrão de vida ideal, com planejamento perfeito.

publicidade; torna-se um estilo de vida.” (MARCUSE, 1973). Perante o filme, a argumentação de Marcuse se sustenta no convite de convocação de Forrest ao exército americano, porém falarei mais sobre a questão no próximo capítulo, onde as análises sobre a obra de Zemeckis começarão.

Em sua pesquisa sobre o imperialismo cultural dos Estados Unidos em terras brasileiras, José de Carvalho (1997) levanta duas questões que são constantes até os dias de hoje: Por que se assiste tantos filmes americanos nas televisões brasileiras? Por que se escuta tantas músicas americanas nas rádios de nosso país? A princípio, essa vontade dos Estados Unidos em querer impor suas culturais e particularidades aqui começou durante o golpe militar onde a estratégia dos americanos era de instituir sua cultura à medida que a adaptaram de acordo com as necessidades da população brasileira da época. O autor é bem incisivo ao falar que trinta anos depois do golpe, a intervenção cultural americana no nosso país é ainda mais agressiva. Autores como Renato Ortiz (1994 e 1996) e Muniz Sodré (1996) falam sobre o poder e a dominação típicas do capitalismo contemporâneo, que gera níveis de desigualdades provavelmente jamais vistos na história da humanidade.

Carvalho nos traz também um grande problema sobre o que poderia ser uma solução para a situação. Por que o governo simplesmente não taxa os Estados Unidos? A resposta é simples e beira o absurdo: se o governo brasileiro opta por reduzir a quota de produtos de mídia e entretenimento estrangeiros, visando reservar mais espaço para itens de outros países ou impulsionar a produção local, os americanos ameaçariam impor sanções econômicas, diminuindo suas próprias quotas de importação para produtos como café, suco de laranja, calçados, entre outros. Durante a década de 1990, houve até mesmo uma proposta de lei para destinar 1% dos lucros dos filmes norte-americanos exibidos no Brasil a um fundo de apoio à indústria cinematográfica nacional, mas a pressão dos EUA foi tão grande que o projeto mal consegue ser debatido no Congresso.

O autor ainda divulga uma pesquisa que realizou durante o ano de produção do artigo, e comenta que entre os meses de setembro e dezembro, 95% do total de filmes exibidos nos canais de TV no Brasil foram de origem norte-americana. Em algumas semanas essa porcentagem chegou a 100%. O mesmo ocorreu durante a programação pesquisada em uma operadora de televisão a cabo, que se vendeu de modo que sua programação seria diferente e mais ampla do que a de canais comerciais, pois a proporção se manteve: 96%. A situação da música norte-americana nas rádios comerciais reflete uma crise, bastante conhecida, que se

arrasta por décadas, e asfixia a produção brasileira; em alguns casos, a programação varia de 99% a 100% de produtos norte-americanos.

A outra parte então se justifica com o argumento de termos de mercado, ou seja, estamos falando da escala de produção: os desenhos animados, os gibis, os filmes, as músicas são produzidos numa quantidade imensamente superior à produção nacional e por isso saem mais baratos, sendo mais comprados e consumidos. A resposta também nos convida a pensar se a escala de produções americanas é maior e mais barata do que os produtos de origem nacional devido ao alto consumo. Sendo assim, a lei da oferta e da procura entra em jogo: quando há muita oferta, os preços diminuem, e quando há muita procura por um produto e escassez do mesmo, os preços sobem.

Fato é que o imperialismo cultural imposto pelos Estados Unidos a outros países do mundo já é algo estabelecido, já que esse imperialismo cultural dita regras de mercado, mas também impõe a cultura americana em diversos países do mundo, inclusive o Brasil. Apesar disso, hoje temos iniciativas recentes que buscam amenizar a problemática, como a cota nas telas³, a Lei Paulo Gustavo⁴ e a Lei 13.006/14⁵.

³ Obrigação legal de exibição de um número mínimo de obras nacionais no cinema ou na televisão.

⁴ Criada a fim de incentivar e reaquecer o setor cultural, com o objetivo de garantir que artistas, produtores e organizadores culturais pudessem retomar a produção cultural

⁵ Obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais em escolas do país.

5. ANALISANDO O FILME: A GUERRA

Antes de adentrarmos nas cenas de guerra, é importante relembrar o contexto histórico em que a Guerra do Vietnã ocorreu. A década de 1960 foi marcada pela polarização da sociedade americana, com protestos contra a guerra e movimentos pelos direitos civis ganhando força. Os Estados Unidos estavam profundamente envolvidos na Guerra Fria e viram no Vietnã do Sul um aliado na contenção do comunismo, o que levou à escalada do conflito.

"Forrest Gump" nos oferece uma perspectiva da Guerra do Vietnã, através dos olhos do personagem principal. Ao se alistar no exército, Forrest Gump entra em um mundo completamente desconhecido, onde a brutalidade e a incerteza são constantes. As cenas de conflito capturam a intensidade das operações militares e o caos vivenciado pelos soldados no campo de batalha. As cenas de guerra em Forrest Gump são caracterizadas por sua autenticidade. Através de uma meticulosa recriação dos cenários de batalha, o filme nos transporta para a selva vietnamita, onde a guerra se desenrolava em meio à vegetação densa e aos perigos desconhecidos. A trilha sonora intensa e as imagens vívidas retratam a agonia e o perigo enfrentados pelos soldados americanos. Uma das cenas mais memoráveis em meu ponto de vista é aquela em que Forrest conhece Bubba, que compartilha com ele seu desejo de se tornar um pescador de camarão após a guerra. À primeira vista, a amizade entre os dois soldados é um lembrete do poder do companheirismo em meio à adversidade. A cena destaca o laço que se forma entre os soldados em situações extremas e o apoio emocional que eles buscam uns nos outros.

O filme também aborda o choque cultural enfrentado pelos soldados americanos no Vietnã. As cenas retratam o encontro entre diferentes culturas e modos de vida, gerando momentos de incompreensão e estranhamento. Essas cenas fornecem uma oportunidade para reflexão sobre o significado e a natureza da guerra, bem como suas consequências para as pessoas envolvidas.

Ao longo da obra, percebemos que a guerra tem um impacto significativo na vida de Forrest Gump. Ele testemunha a morte de colegas e amigos, incluindo Bubba, e é ferido em combate. Essas experiências deixam marcas em sua vida, mas também contribuem para sua coragem e perseverança. A guerra se torna um elemento transformador na jornada do protagonista, moldando suas crenças e valores.

As cenas da Guerra do Vietnã em "Forrest Gump" fornecem uma representação cinematográfica vívida do conflito. Através dessas cenas, o filme nos convida a refletir sobre a

complexidade da guerra, o impacto na vida dos soldados e a sociedade em geral. A jornada do protagonista na guerra e seu retorno ao lar trazem à tona questões sobre coragem, amizade e resiliência, tornando "Forrest Gump" uma obra que continua a ressoar com o público.

Marc Ferro, em "Cinema e História", de 1992, propõe que a imagem tem a capacidade de mostrar além daquilo que possa realmente ter sido ou acontecido originalmente, a intenção do roteirista que a escreveu ou do diretor que a pôs em prática. Por isso, a leitura de um filme, do ponto de vista da fonte histórica, não está estritamente ligada à obra, mas sim também a todo um contexto referencial que permite a análise fílmica. "Resta estudar o filme, associá-lo ao mundo que o produz" (FERRO, 1992). Levando em conta a consideração do autor, o filme de Robert Zemeckis pode ser visto a grosso modo como uma representação pessoal da história de um país, ou até mesmo, da história de um indivíduo, que claramente é colocado como um herói, já que se trata do protagonista. Marco Costa Melo, por exemplo, defende:

"os elementos da construção ideológica de um filme estão presentes em todas as suas etapas – que são muitas – por isso trata-se de algo que percorre um longo caminho entre a ideia e a produção final. Desta forma, nos parece apropriado concluir que os filmes são sim instrumentos de divulgação e propagação de ideologias, no entanto, há que se levar em conta as nuances desse caminho, que podem produzir efeitos díspares entre objetivo e prática, assim como podem ter outras interpretações com o passar do tempo, já que a História está em constante transformação" (MELO, 2011, p. 19)

Relacionando com o filme de Gump, já que aqui ele se coloca como uma representação rica e complexa das ideologias que estão enraizadas na sociedade americana ao longo de décadas, me fazem pensar que as mensagens de determinação, amor e superação transmitidas no filme refletem não apenas a visão dos personagens, mas também a ideologia dos cineastas por trás da produção. Além disso, à medida que a sociedade se modificou desde o lançamento do filme, as interpretações dessas mensagens também mudaram, destacando a capacidade da obra de arte em se adaptar e oferecer significados diversos ao longo do tempo.

A narrativa alternativa de "Forrest Gump", entrelaçada com eventos históricos cruciais dos Estados Unidos, ilustra vividamente como os filmes podem ser instrumentos poderosos na divulgação de ideologias, ao mesmo tempo em que nos lembra da importância de considerar as nuances e complexidades desse processo. Ou seja, ao meu ver, Zemeckis não se preocupa em ocultar sua afeição pelo já explícito e consolidado "Sonho Americano". É plausível de discussão as visões de Zemeck e de Eric Roth, creditado como roteirista do filme, já que podemos debater as cenas utilizadas como viáveis ou não para investigação de conflitos de versões, já que roteiristas e diretores possuem total liberdade para imaginarem de descreverem a guerra como bem entendem, apesar do contexto de guerra ser tratado sempre da mesma maneira. "Embora

nenhum dos filmes seja do tipo ufanismo pró-guerra, todos tratam o Vietnã (e os vietnamitas) de um modo tão eivado de clichês que, em breve, hão de parecer tão obsoletos quanto os filmes de propaganda da Segunda Guerra Mundial. (FITZGERALD, 1997)”

Luciano Mesquita em sua dissertação traz uma importante indagação sobre o uso do cinema americano como uma fonte de estudo da visão externa e interna dos Estados Unidos, ao afirmar que, primeiro, é necessário entender as representações dos problemas que os filmes trazem consigo.

Entender o filme como representação implica percebê-lo não como um mero reflexo do contexto em que foi produzido, mas como um veículo que constrói e apresenta seus códigos da realidade através dos elementos da cultura da qual faz parte, por meio de sistemas de significação próprios. Dessa maneira, pode-se dizer que o filme analisa, renova e reproduz a cultura em que está inscrito e ao mesmo tempo é produzido por essa cultura. (MESQUITA, 2004, p. 20)

Tal afirmação me faz pensar que, se destacarmos um filme como uma representação de determinado objeto, nos colocamos como ‘fiéis’ a visão que nos é passada, surgindo daí, o válido argumento de Mesquita. O autor utiliza do termo “códigos de realidade” para explicar como é apresentada a cultura de determinados lugares que estão inseridos os objetos audiovisuais. “Dessa maneira, pode-se dizer que o filme analisa, renova e reproduz a cultura em que está inscrito e ao mesmo tempo é produzido por essa cultura”. (TURNER, 1997).

O ato de ler os filmes, ou seja, entender suas falas, visões, suas mensagens de entre-linhas e afins, nos dá a possibilidade de pensar o audiovisual como ‘documentos de guerra’, ou seja, aqueles que possuem o papel de levar a sociedade a memória que por ela será julgada se deve ou não ser lembrada. Claramente, ter uma visão teórica sobre roteiros e guias no audiovisual não é uma tarefa fácil, já que tudo é pensado para se ter uma representação mais simples possível, buscando justamente a comercialização e os fluxos que ela possibilita, porém, devemos levar em consideração que, para se ter um filme com sucesso no mercado, mesmo tendo uma visão implícita ou não, devemos levar em consideração também uma abordagem de diferentes concepções ideológicas, através de visuais que ora são antagonistas e ora se completam, não esquecendo dos elementos de senso comum, ou seja, elementos que são retirados das próprias concepções de uma sociedade e fortalecidos por papéis de destaque, como no caso dos norte-americanos, pela própria mídia.

5. 1 Convocação de Forrest o Exército

No filme, vemos alguns traços marcantes da cultura e dos valores americanos à época, como a convocação de Forrest à guerra e a ânsia por ter um exército formado num menor tempo possível, como uma espécie de soberania de esquadrões. A cena pode ser analisada e comparada com o famoso cartaz com a famosa imagem do Tio Sam, com os dizeres “*I want you for U.S Army*”. Forrest acabara de se formar no ensino médio, e logo na saída da cerimônia de recepção dos formandos, está parado conversando com sua mãe, quando é abordado por um soldado dos Estados Unidos que lhe pergunta: “Você já pensou no seu futuro?”. Sem aguardar a resposta, o rapaz lhe entrega um folheto com a imagem de convocação e se despede dizendo: “o Exército dos Estados Unidos te espera”.

A junção de cena e cartaz me dá a sensação de soberania por parte do Exército. Sabemos que no exército, o autoritarismo é rei, mas o comportamento com um “alvo” de possível soldado deve ser levado em consideração, além disso, a maneira pela qual Forrest aceita sua convocação sem contestar, também deve ser lembrada. Sendo os cidadãos dos Estados Unidos ensinados por toda sua vida a manter e espalhar o “orgulho americano”, perante a aceitação passiva de Forrest, sugere-se que o personagem declare silenciosamente seu apoio aos costumes tradicionais norte-americanos. Para mim, a cena sugere um apoio ao sistema de patriotismo americano ao focar na figura emblemática do Tio Sam no cartaz de convocação.



Figura 3: Folheto recebido por Forrest

Fonte: Reprodução

Aqui, daremos sequência às análises das cenas que corroboram o patriotismo e outros aspectos culturais dos Estados Unidos a partir das imagens montadas.

A formatura em uma universidade é o sonho de quase todo estudante, e com Forrest não foi diferente. Sendo parabenizado pelo reitor e aos olhos orgulhosos de sua mãe, o rapaz do estado do Alabama enfim se graduou. Ao final, tirando uma foto para guardar como uma memória física e coletiva, mostrando seu diploma, Forrest é abordado por um oficial do Exército americano que lhe entrega um folheto. “Meus parabéns, filho. Você já pensou no seu futuro?”. Forrest um pouco confuso, não só com a abordagem de um homem fardado, cheio de medalhas de condecoração, mas também com as palavras ditas pelo oficial, responde: “pensar?”. A câmera muda para o folheto acompanhado da imagem do Tio Sam, figura emblemática da história americana e grande símbolo político do país, sendo reconhecido em 1961, pelo Congresso Nacional Americano.

Não existe um consenso entre os historiadores, mas a história de origem do Tio Sam mais aceita no país, é que a figura começou por meio de uma brincadeira entre soldados no meio da guerra contra a Inglaterra, em 1812⁶. Os soldados recebiam suprimentos em caixas com as siglas “U.S.”, abreviação utilizada para *United States* (Estados Unidos). Tal abreviação foi associada ao nome de um dos fornecedores, Samuel Wilson, comerciante e fabricante de carne em conserva e parceiro do governo americano. A brincadeira baseava-se em assimilar o nome de Wilson a *Uncle Sam* (Tio Sam), associado também a sigla nos barris de comida recebidos pelo Exército, criando assim, um personagem que era responsável pela alimentação do grupo, e conseqüentemente, representante da administração federal em solo de guerra. Mais tarde, no século XX, o ilustrador James Montgomery, utilizou da história do personagem, baseando-se em sua própria fisionomia, desenhou a figura que hoje conhecemos. O trabalho de James foi utilizado para a criação do famoso pôster de convocação para o Exército, em 1916.

A utilização de símbolos nacionais modernos, como bandeiras, brasões, hinos e a representação das cores, demonstra a notoriedade que os governos têm em perceberem a importância dessas ferramentas em suas imposições e afirmações de postura como identidade nacional e também como campanhas de propaganda políticas.

Pierre Bourdieu afirma que os símbolos só exercem seu efeito no momento em que o povo, ignora a oposição e a postura por parte do grupo dominante, nisso, surge a preocupação daqueles responsáveis pelas propagandas em assimilar de maneira clara e objetiva, personagens e figuras que fazem parte da cultura popular, como no caso, o Tio Sam como um representante do governo, convocando Forrest para o Exército.

⁶ Disponível em:

<https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/6194/hoje-na-historia-1813-nasce-o-tio-sam-personificacao-dos-eua>

Entendemos como representação, “aquilo que é identificado por quem o vê” e que o remete de forma quase automática a outros objetos ou sentimentos. A representação evoca a ausência ou sugere a presença da realidade representada” (GINZBURG, 2001 apud SANTOS; ALMEIDA, 2004).

No folheto entregue a Forrest os dizeres *excellent careers for excellent young men*⁷ são observados abaixo da figura do Tio Sam. A junção da figura emblemática, com a frase que busca convencimento, pode-se assim dizer, que se trata de uma das técnicas de propagandas políticas utilizadas pelo governo americano. Uma das práticas frequentemente utilizadas é a “lei da unanimidade”, conhecida como *bandwagon*⁸.

A técnica é baseada na expressão “Maria vai com as outras”, sendo assim, a intenção do propagandista é estabelecer em seu público alvo a ideia de que o pensamento ou a atitude que ele quer que o povo tome, está sendo aprovada e utilizada pela maioria da população. Dessa forma, quem não quiser ser diferente, acaba seguindo a onda natural, ditada pela propaganda. Ao mesmo tempo em que chama o público, a *bandwagon* busca instaurar um sentimento de culpa em quem não a segue.

A unanimidade é ao mesmo tempo uma demonstração de força. Um dos alvos essenciais da propaganda é manifestar a onipresença dos adeptos e a superioridade deles sobre o adversário. Os símbolos, as insígnias, as bandeiras, os uniformes, os cantos, constituem um clima de força indispensável à propaganda. Trata-se de mostrar que 'estamos lá' e que 'somos os mais fortes'. (DOMENACH, 1963, p. 31)

Outra técnica utilizada pelo governo americano e observada na abordagem do oficial a Forrest, é a estratégia de captação de pessoas comuns, agindo da mesma maneira que elas. A técnica é conhecida como *plain folks*. A intenção aqui não é a abordagem a pessoas, mas sim a utilização da figura do Tio Sam como uma figura comum, com a intenção de transformá-lo em uma imagem do cidadão estadunidense.

⁷ Tradução: Grandes carreiras para grandes homens

⁸ Técnicas utilizadas em propagandas, conhecidas como *bandwagon* (lei da unanimidade) e *plain folks* (gente comum), são descritas pelo site *Propaganda Critics*.

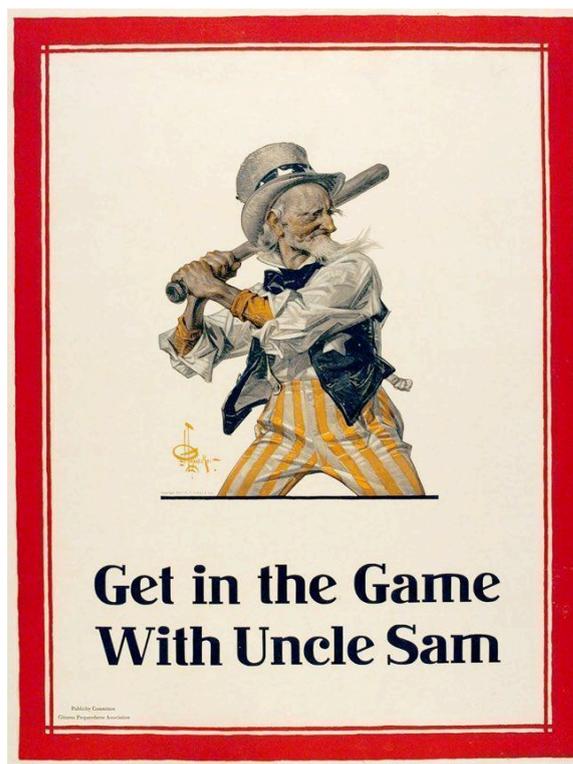


Figura 4: Poster do Tio Sam Jogando Baseball

Fonte: <https://www.thinglink.com/scene/502534206652416000>

A representação da identidade dos Estados Unidos em um homem com cabelos e cavanhaque branco, utilizando roupas extravagantes e que repetem a cor da bandeira americana, nos apresenta uma terceira técnica utilizada pelo governo, que se baseia na simplificação de algo complexo, bastando apenas um estímulo sonoro ou visual para despertar o sentimento no receptor. A simplificação da figura do Tio Sam é uma das muitas já empregadas pelo Exército e pelo Governo dos Estados para ressaltar seu patriotismo, sendo evidenciadas também a imagem da bandeira nacional, o hino nacional, a Estátua da Liberdade, a Colúmbia (encarnação feminina da Nação), a canção *Yankee Doodle*, da *Old Guard Fife and Drum Corps*, que é uma das quatro organizações musicais do Exército dos Estados Unidos, e por último, a águia, que é frequentemente utilizada como uma ave de símbolo nacional. Todos esses símbolos listados são considerados e associados às palavras “liberdade” e “democracia”⁹, pelos americanos.

Existe a preocupação dos veículos propagandistas em não concentrar a atenção em um grupo, e sim um alvo de cada vez. Segundo Domenach, uma boa propaganda não visa a mais um objetivo de cada vez. Trata-se de concentrar o tiro em um só alvo durante dado período. Isso explica a abordagem a Forrest. O oficial do Exército o identificou como um alvo, já que se

⁹ O site do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América descreve os principais símbolos que representam o país.

tratava de um homem jovem, forte e que acabara de se formar. O sonho americano do personagem é colocado em cena, evidenciando a ingenuidade de Gump. Quando Forrest decide se alistar e sobe no ônibus que levaria os futuros soldados ao Centro do Exército, o inocente Gump se apresenta ao motorista e recebe uma ríspida resposta, “ninguém aqui dá a mínima para quem você é” seguido de ordens para que o jovem se sente em algum dos assentos. O diálogo e imagens da cena podem ser evidenciadas como uma crítica ao sistema de convocação do exército americano. Os homens são meros instrumentos usados para defender a nação em uma guerra como no texto de W. J. T. Mitchell, “O que realmente querem as imagens?”, que analisando o cartaz e a figura emblemática do Tio Sam, entende que o pedido do velho Sam, é que os mais jovens, no caso, os soldados, sendo chamados de “carne fresca”, em alusão a ocupação de Samuel Wilson, lutem pelo país em seu lugar.

5.3 O pós-guerra e os heróis de combate

O pós-guerra do Vietnã em Forrest Gump se mostra como algo curioso quanto às pesquisas, pois o discurso silenciado de Forrest, que no roteiro original, deveria fazer parte do filme. Existem diversas teorias quanto ao motivo pelo qual o discurso teria sido cortado, que passam por teorias políticas a de apenas cortes dramáticos para enriquecer a obra. Fato é que, segundo Tom Hanks, o discurso realmente foi gravado, e de certa forma, seria uma crítica não só ao tratamento recebido pelos americanos ao completarem 18 anos, mas também ao governo americano que ao impor o sonho americano, forjava cidadãos “robôs”: “Às vezes, quando as pessoas vão ao Vietnã, elas vão para casa de suas mães sem as pernas. Às vezes eles não vão para casa. Isso é uma coisa ruim. É tudo o que tenho a dizer sobre isso”, segundo o ator, esse seria o discurso gravado do inocente Forrest Gump.



Figura 6: Forrest discursando em manifestação contra a guerra do Vietnã

Fonte: <https://cinefilosoficial.com/2021/03/29/que-dijo-forrest-gump-en-el-discurso-que-nadie-escucho/>

Sobre a cena, é necessário levar em conta a falta de percepção de Forrest, que teve a malícia necessária para entender que a manifestação era contrária à sua posição de “herói”. Considerando também que, a discussão que o tema trás, já que se dispõe em questão a memória e cultura, como as manifestações contra guerra, encabeçadas pelos adeptos do movimento hippie contrários ao autoritarismo do exército americano. O que podemos destacar aqui é o início do estabelecido sonho americano, já falado anteriormente, como a volta do herói de guerra e vestido de seu traje, é recebido pela multidão que o aguarda. A presença de um soldado, como no caso de Forrest, causa movimentação de grupos, mesmo que sejam opostos.

Podemos apoiar a justificativa do público para além dos movimentos pró ou contra guerra. Segundo Bruno Izaias Silva, em “A Guerra do Vietnã”, sua importância histórica e política se justifica por meio da cobertura jornalística, já que a guerra foi mostrada no mundo todo, sendo inclusive, a primeira vez de um ao vivo em uma emissora de TV no mundo, sobre tal pauta, o que permitiu o desenvolvimento de opiniões políticas diferentes e divergentes das nações que no meio das ações estavam.



Figura 7: Forrest durante um programa de entrevistas acompanhado de John Lennon

Fonte: <https://pt.quora.com/O-John-Lenon-realmente-participou-do-filme-Forrest-Gump-Ou-foi-jogo-de-imagens>

A presença de John Lennon acaba chamando a atenção por ser um artista que cantava a busca pela paz, estar vestido de uma farda de soldados americanos como se tratasse realmente de uma espécie de armadura para o herói. Essa ideologia dos heróis de combate reforça-se à medida que até mesmo esculturas e brinquedos são feitos com Forrest fardado durante a guerra. Em contrapartida, os comentários de Forrest sobre algumas pessoas no mundo não terem dinheiro e nem religião podem também ter servido de inspiração para Lennon compor “Imagine”

Mônica Almeida Kornis, em “História e Cinema: Um debate metodológico”, publicado no livro “Estudos Históricos – Teoria e História” comenta que em meio às diversas e infundáveis questões que estão à vista do historiador, que decide por trabalhar com documentos visuais e reconhecendo o costume de nós enquanto sociedade, a abordagem do audiovisual se mantém como uma proposta inovadora e ousada de trabalho. E é verdade que ao apostar em imagens de arquivos no qual eram montadas (ou seja, com Forrest em cena) em meio às imagens, fazendo com que quem está visualizando o filme, entenda que de fato, Forrest Gump se encontrou com John Lennon e com o presidente Nixon, Zemeckis, o diretor de fotografia, Don Burgess e todo

seu campo técnico, acertaram, pois além de inovador, o encaixe do personagem fictício a imagens históricas, fortalece a narrativa da história de Gump.

Para o historiador Marc Bloch, o objeto da história é, por natureza, o ser humano:

Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar (BLOCH, 2002, p. 54).

E de fato, a natureza da história de Forrest era o próprio Forrest, seu sonho na totalidade era se tornar o herói de sua história, mesmo que nunca tenha deixado isso claro, o diretor parece querer externar suas próprias vontades.

Diego Oliveira Souza, no livro “A Guerra do Vietnã no cinema norte-americano”, busca entender o ensino da disciplina de História, utilizando do filme “Fomos Heróis”, de 2002, do diretor Randall Wallace e conclui de maneira forma sua tese, afirmando que ao refletir sobre a relação da história com o cinema, precisamos além de tudo, entender a maneira na qual o cinema apresenta o mundo do passado, porque além de tudo, para os diretores e executivos, Rosenstone (2010) já afirmava que “a história é apenas mais uma ferramenta para vender ingresso”.

6. RELAÇÕES DO PERSONAGEM

Jenny é um importante personagem para o desenvolvimento da história de Forrest Gump. Foi ela que, ainda nos primeiros vinte minutos de filme, mostrou-se como uma das responsáveis, se não, a maior responsável pelas escolhas de Gump, ao gritar alto as três palavras mais famosas da série, enquanto Gump fora enquadrado e deixado sem ter o que fazer quando atacado por um trio de garotos bagunceiros, que queriam fazer mal a ele, surge a frase “Corre Forrest, corre!”.

O personagem em diversos momentos do filme destaca “e eu só corri. Corri como se não houvesse lugar para chegar”. É fácil de entender que a corrida para Gump lhe permitia escapar de sua realidade, afinal, foi correndo que no final de tudo, se tornou bilionário, dono do mais famoso restaurante de camarões dos Estados Unidos e conseqüentemente, da maior desenvolvedora de smartphones.

No processo de pesquisa de outras análises do filme, me deparei com um¹⁰ que afirmava que a principal mensagem de Forrest Gump era além de tudo sobre o amor incondicional, justificando a relação do protagonista com seu par romântico, que inclusive, se trata de uma personagem complexa, repleto de traumas e mistérios, como no caso, Jenny. O amor de Gump por sua amada era tão grande, a ponto dele a manter livre para cometer seus erros que poderiam inclusive, justificar sua morte, mas ao final do filme.

Jenny é uma personagem deixada de lado pelos fãs da obra pelo fato de não compreender o jeito que Forrest a trata, justamente por sua notória dificuldade em sair de um ciclo abusivo que a cerca durante toda sua vivência. Ela não entende porque Forrest é tão bom com ela porque justamente nunca experimentou a bondade em seu lar. Sua única vontade é um dia ser verdadeira e genuinamente amada, ao ponto de ter a inocência em não perceber que os homens no qual se envolve, apenas se aproveitam dela em momentos de prazer sexual.

Acontecimentos traumáticos são retidos na memória, mesmo que, na maioria inconscientemente, se expõem durante o desenvolvimento das crianças. Jeni Wolf em um estudo sobre o comportamento pós trauma infantil destaca que

No trauma de infância, alguns dos nossos músculos esqueléticos se contraem e não voltam a relaxar, mas retêm a memória corporal, da mesma forma como a mente retém a memória mental do trauma. Quando o músculo se fixa numa posição e não consegue relaxar, pode-se dizer que há uma lembrança guardada no músculo (WOLF, 1986, pg. 220).

¹⁰ Disponível em:

<https://gov-civil-portalegre.pt/why-jenny-from-forrest-gump-is-one-of-the-most-misunderstood-characters-of-all-time-review-94966>

Neste capítulo é importante levantarmos o questionamento da valorização de personagens. Forrest tem ao seu lado dois emblemáticos, repletos de nuances e complexidades, como o Tenente Dan e a própria Jenny, que tem preferências distintas pelo público. Aqui citarei a autoestima de ambos, ou no caso, a falta dela. O Tenente Dan e Jenny sofrem abusos de seus familiares, que moldam de certa forma, suas quase mortes. Ambos não se sentem e nem se valorizam a ponto de desmerecer o amor de Forrest, porém, Dan não recebe metade – e existe questionamento se realmente recebe – das críticas que o par romântico de Gump recebe. Em um site de fãs¹¹ a escritora Sophie Wang indica que “o mundo não está condicionado a ver suas rejeições periódicas de Forrest como parte da mesma jornada.” Jenny amava tanto Forrest, a ponto de fugir dele para que ele se protegesse dela, que não queria lhe causar mais dor e desgosto do que já causara, porém, ao fugir, Jenny acabava falhando cada vez mais e mais com Gump. Sabendo que ele era extremamente inocente, Jenny tinha medo de corrompê-lo, porém não parecia ter tanto medo de feri-lo.



Figura 8: Jenny e Forrest, já adultos, em frente a casa de Jenny, quando crianças, sofreu abusos de seu pai

Fonte: <https://evanaandrieli.blogspot.com/2013/12/forrest-gump-superando-os-traumas-da.html>

Na cena acima, Jenny volta ao Alabama para visitar Forrest que acaba de voltar da guerra. Ao se encontrarem durante as manifestações em Washington. Os dois passeiam pelos arredores da casa, até que param na frente dela. Nesse momento as lembranças e traumas de Jenny surgem e vêm à tona para a pequena desprotegida. Ela então começa a tacar pedras, em forma de defesa e para descontar sua dor, ao acabar, é a vez dos sapatos, que também são lançados contra a casa que adentrava sua tristeza. Por fim, Jenny desmorona. Ao refletir sobre o

11

Disponível em: <https://oneroomwithaview.com/2014/05/21/so-i-can-fly-far-away-why-you-were-wrong-about-jenny-from-forrest-gump/>

que acaba de presenciar, Forrest comenta que às vezes, não há pedras suficientes.

Como já mencionado, os traumas de Jenny a levam a consequências de suas escolhas, embora, Forrest a deixe livre para entendê-las. A personagem tem um ciclo complexo, resultando em sua doença, que embora nunca confirmada por profissionais do corpo técnico de Forrest Gump – O Contador de Histórias, ainda assim, levanta uma pauta sobre políticas públicas. Segundo o autor do livro de romance que inspirou o filme, Winston Groom, a Hepatite C seria a causa da morte de Jenny, isso porque, sua descoberta se deu apenas em 1989, e o contexto da história de Forrest se passa no início dos anos 80. Por isso, entende-se que a Jenny do filme, tenha falecido em decorrência da epidemia de AIDS ocorrida nos Estados Unidos, nos anos de 1980 a 1985.

6.1 Amizade de Forrest e Bubba

A amizade entre Forrest Gump e Bubba floresce em um cenário improvável - o campo de treinamento militar. Apesar de suas personalidades contrastantes, os dois soldados encontram um elo em sua simplicidade e sinceridade. A interação inicial é marcada pela inocência e pelo companheirismo em meio à adversidade, criando a base para uma amizade genuína.

Uma das paixões que conectam os dois é a obsessão por camarões. O amigo de Forrest, em particular, sonha em abrir um negócio de camarões após a guerra. Através de conversas íntimas e entusiasmadas, Bubba compartilha com Forrest seu vasto conhecimento sobre esses animais do mar, criando um senso de propósito e futuro compartilhado entre os dois. A tragédia ocorre quando sua morte em combate acontece. Antes de falecer, ele faz Forrest prometer que, se sobreviver à guerra, vai cumprir o sonho de ambos e dar seguimento aos negócios. Essa promessa se torna um pilar na vida de Forrest, uma âncora que o motiva a superar as adversidades e a encontrar um sentido em seu futuro. A morte de Bubba deixa uma marca profunda em Forrest, e o luto do personagem é perceptível. No entanto, ele encontra força na promessa feita ao amigo: os camarões.



Figura 5: Forrest tenta salvar Bubba, que se despede dele

Fonte: <https://forrestgumpcinemastudies.weebly.com/bubba.html>

Forrest, ao voltar da guerra, bate à porta da família de seu amigo reforçando a promessa da pesca de camarões. A análise da amizade do pequeno corredor do Alabama e do pescador de camarões é uma importante pauta discutida em artigos mundo afora, principalmente quando falamos de racismo. Alguns autores defendem que a morte de Bubba é um exemplo claro de racismo em Hollywood. Seus argumentos são embasados na autora Nancy Wang, que em seu livro *Reel Inequality: Hollywood Actors and Racism*, escreve que o racismo, seja na forma de exclusão do mercado de trabalho, quanto em papéis estereotipados, como de personagens subsidiários, marcam e fazem parte da indústria de Hollywood, desde seus primórdios, como no início dos anos 60. De fato, podemos destacar que Nancy possui razão em sua fala, principalmente quando falamos que os papéis principais, demoram a chegar a atores negros ou racializados, ainda mais quando falamos de um filme da época de Forrest Gump, de 1994.

Para se ter uma ideia, neste mesmo ano, em 3 de fevereiro, o Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, pôs fim ao embargo imposto pelo país ao Vietnã, em 1975. No mundo, o destaque fica para Nelson Mandela, que em 9 de fevereiro, tornou-se o primeiro presidente negro da África do Sul. A questão do racismo em Hollywood é uma temática discutida ainda nos tempos de hoje, e, em minha percepção, duas obras carregam consigo a mudança no trato de personagens negros no cinema, como, “12 Anos de Escravidão”, de 2013, que possui assinatura do diretor Steve McQueen, e com Pantera Negra, filme que pertence ao Universo

Cinematográfico da Marvel¹², de 2018, que apesar de se enquadrar em um *blockbuster*¹³, transmite a mensagem necessária da força de um personagem, como no caso, de um herói negro perante o seu povo e juntos resultam em uma bilheteria de mais de 1,5 bilhões de dólares, o que hoje significa em mais de 5 bilhões de reais. Entendo que essa mudança de chave se deve ao modo no qual aqueles que estão assistindo ao filme, recebem e compreendem as mensagens que a obra transmite. Obviamente, as épocas são distintas e a maneira pela qual vivemos e nos moldamos através dos anos influenciam, porém, a partir do momento em que a indústria entende as formas distintas que os personagens são vistos pelo público, o cinema comercial passa a ter mudanças significativas no trato de atores, personagens e história.

A discussão em *Forrest Gump* é válida, e por ser um filme no qual a guerra é mostrada, existem visões que tendem a puxar para lados da política. A morte do melhor amigo de Forrest se faz necessária no enredo/roteiro porque permite crescimento ao personagem central da história, ganhando até mesmo a ‘piedade’ do público, pois o garoto do Alabama, de QI baixo e que só sabia correr, agora está sozinho novamente. O que sustenta os arquétipos de personagens vindos do herói, como no caso, Forrest, conforme sinalizado ou sinalizei anteriormente.

Análises recentes ¹⁴da obra de Zemeckis evidenciam a emblemática questão de que *Forrest Gump – O Contador de História* não seria um filme para ser visto em 2024, se não fosse para viés crítico. A obra já não era recomendada a crianças na época, por suas visões de guerra, drogas e sexualidade, e, se tratando dos dias de hoje, continua não sendo um filme ideal. Não pela temática já citada acima, mas sim por sua visão contrária ao que as crianças conhecem do mundo de hoje. Alguns críticos em um site de resenhas de filmes afirmam até mesmo a visão simplista e redutora de um personagem que “aluga as pessoas na praça para contar sua melancólica história”.

6.2 Movimentos americanos: Panteras Negras e Hip’s

Em um movimento diferente do que estava acostumado, ao invés de conhecer uma pessoa específica, Forrest conhece todo o movimento histórico, os Panteras Negras, que encabeçam as manifestações contra a guerra.

O movimento dos Panteras Negras na verdade se tratava de um grupo de partido político

¹² Famosa editora de quadrinhos americana, com faturamento de quase US\$20 bilhões ao ano.

¹³ Abreviação para o potencial comercial de um filme; filmes feitos para serem vendidos.

¹⁴ Disponível em: <https://letterboxd.com/kmf/film/forrest-gump/>

norte-americano que surgiu com o ideal de defender a comunidade africana que residia nos Estados Unidos na década de 1960. A ideia surgiu como um grupo de combate à violência policial e contra a hierarquia e abusos de autoridades. O movimento tinha um ideal revolucionário (e até então incompreendido pelo governo da época) de autogestão social, sendo assim, a comunidade afro-americana deveria se auto governar no país, defendendo também projetos sociais e políticas públicas para a população em situação de dificuldades socioeconômicas. A magnitude do movimento e tamanha influência, fizeram com que o *Programa de Dez Pontos dos Panteras Negras*¹⁵, fosse seguido à risca por seus integrantes, sendo eles:

1. Nós queremos liberdade. Queremos poder determinar o destino de nossa comunidade negra.
2. Queremos emprego pleno para nosso povo.
3. Queremos o fim da roubalheira dos capitalistas brancos contra a comunidade negra.
4. Queremos casas decentes para abrigar seres humanos. Queremos educação decente para nosso povo. Uma educação que exponha a verdadeira natureza da decadência da sociedade americana. Queremos que seja ensinada a nossa verdadeira história e nosso papel na sociedade atual.
5. Queremos educação decente para nosso povo. Uma educação que exponha a verdadeira natureza da decadência da sociedade americana. Queremos que seja ensinada a nossa verdadeira história e nosso papel na sociedade atual.
6. Queremos que todos os homens negros sejam isentos do serviço militar.
7. Queremos um fim imediato da brutalidade policial e dos assassinatos de pessoas negras.
8. Queremos liberdade para todos os negros que estejam em prisões e cadeias federais, estaduais, distritais e municipais.
9. Queremos que todas as pessoas negras levadas a julgamento sejam julgadas por seus pares ou por pessoas das suas comunidades negras, tal como definido pela Constituição dos Estados Unidos.
10. Queremos terra, pão, moradia, educação, roupas, justiça e paz.

¹⁵ Uma espécie de cartilha de atos e ideais do movimento. Disponível em inglês em: <https://www.ucpress.edu/blog/25139/the-black-panther-partys-ten-point-program/>

O enfraquecimento dos Panteras Negras se deu a uma grande estratégia do FBI (Departamento Federal de Investigação), a polícia federal americana, que através de infiltrados conseguiu enfraquecer o movimento, incluindo-os inclusive no Programa de Contraineligência, o Cointelpro, que tinha o objetivo de "expor, desestabilizar, desacreditar e neutralizar as atividades de organizações nacionalistas negras e grupos de ódio". Ainda assim, o movimento surge como grande influência para outros que vieram depois, como o *Black Lives Matter*, um movimento ativista internacional, que teve início em 2013. Grandes líderes negros da década de 1960, como Martin Luther King e Malcolm X, foram vigiados pelo FBI, que na época era comandado por J. Edgar Hoover que alertava os americanos de evitar o surgimento de um "Messias negro", que segundo Hoover poderia "unificar o movimento militante nacionalista negro". Na verdade, os Panteras Negras já tinham o seu líder, o jovem Fred Hampton, que se tornou líder do movimento aos 20 anos de idade. Sua trajetória é retratada no filme *Judas e o Messias Negro*, dirigido por Shaka King, que estreou em fevereiro de 2021 nos Estados Unidos. O ativista é interpretado por Daniel Kaluuya, conhecido pelo agonizante "Corra!", recebeu indicação para o Oscar de Melhor Ator Coadjuvante e o Globo de Ouro por sua atuação na obra de Shaka. A obra também foi indicada ao Oscar de Melhor Filme, Melhor Roteiro Original, Melhor Fotografia e Melhor Canção Original por "*Fight For You*". O ator Lakeith Stanfield, que foi responsável por interpretar o infiltrado Bill O'Neal também concorre ao prêmio de Melhor Ator Coadjuvante.

Na cena em que Forrest é apresentado aos Panteras Negras vemos o personagem falando que agora, ele e Jenny eram novamente "pão com manteiga", e que ela até mesmo havia o apresentado a alguns amigos, justamente os Panteras.



Figura 9: Forrest sendo apresentado aos Panteras Negras, junto de Jenny

Fonte: <https://twitter.com/ParamountBrasil/status/1093943057261752326/photo/1>

Forrest claramente não está entendendo o que de fato se tratava o esconderijo dos Panteras, visto que é alertado pelo líder do movimento, interpretado por Michael Jace, para manter-se discreto, pois estavam em guerra. O líder começa a explicar a Forrest sobre a luta dos Panteras e a busca por seus direitos, porém, Gump pouco presta atenção, firmando sua visão em Jenny e Wesley, únicos brancos além dele. O “amigo” de Jenny a agride, nervoso e revoltado com seu sumiço e isso desperta a ira de Forrest que o ataca, gerando tensão no ambiente todo. Logo em seguida, Forrest e Jenny são convidados a saírem da sala para não gerarem mais tumulto e não serem vistos pelo FBI.

O filósofo alemão Jurgen Habermas dedicou sua vida a Sociologia, que defendia que:

O (...) núcleo central [da sociedade civil] é formado por associações e organizações livres, não estatais e não econômicas, as quais ancoram as estruturas de comunicação da esfera pública nos componentes sociais do mundo da vida. A sociedade civil compõe-se de movimentos, organizações e associações, os quais captam os ecos dos problemas sociais que ressoam nas esferas privadas... (HABERMAS, 2003, p. 99).

Com isso, adentramos a um outro movimento mencionado no filme, o Movimento Hippie, que surgiu na década de 1960, após a Segunda Guerra Mundial. Também conhecido por “Movimento pela Paz e o Amor”, era um manifesto que questionava o *American Way os Life*¹⁶. Era também definido como um movimento contracultura, já que além de ser contra a Guerra do

¹⁶ Estilo de vida dos americanos na época, no qual era pautado no consumismo.

Vietnã, era pautado também pela rejeição ao autoritarismo, o capitalismo, o comunismo, o conservadorismo, a segregação racial, o uso de armas nucleares e a ordem bipolar¹⁷ da Guerra Fria. Além disso, repudiava as ideias de hierarquia e obediência, porém manifestava-se de forma pacífica, buscando desafiar os padrões culturais e sociais impostos. Adeptos do movimento eram facilmente reconhecidos pois utilizavam-se de trajes marcantes para a época como: roupas coloridas, calças desbotadas, colares, camisas indianas, flores no cabelo, camisetas tie-dye, sandálias, bolsas tiracolo, roupas antigas que acabavam por ser reaproveitadas, saias curtas e geralmente tinham cabelos longos, que eram vistos como atos de rebeldia para a sociedade conservadora e extremista da época.

Em *Forrest Gump*, os hippie's são mostrados rapidamente, com o foco em Jenny. Pode-se subentender que talvez a visão do diretor concordasse com a visão da sociedade da época, já que o par romântico de Forrest é frequentemente retratado como um personagem rebelde. Jenny é mostrada durante uma viagem tocando violão, sentada no chão da fachada de um estabelecimento na Calçada da Fama, localizada entre as ruas de Hollywood Boulevard e Vine Street, em Hollywood, na Califórnia. Na cena, um rapaz em um carro surpreende Jenny e seus amigos questionando se eles gostariam de ir a Chicago, onde mais tarde encontrará Forrest.



Figura 10: Cena de Jenny despedindo-se de Forrest fazendo um sinal em V, o símbolo da paz.

Fonte: <https://50anosdefilmes.com.br/2014/forrest-gump-o-contador-de-historias-forrest-gump/>

¹⁷ Ideologias divergentes entre Estados Unidos (capitalismo) e União Soviética (socialismo). Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/mundo-bipolar.htm>

Fardado e não sabendo do teor das manifestações, Forrest se despede de Jenny retribuindo o ato em sinal de V, não sabendo do simbolismo e da ideologia do protesto, onde finaliza dizendo que mais uma vez a perdeu. Aqui, a questão sobre Jenny deixar Forrest para o proteger se fortalece, pois a mulher vai embora justamente com aquele no qual Forrest entrou em conflito anteriormente, enquanto conhecia o esconderijo dos Panteras Negras. Ela entendia os perigos que Gump corria, por justamente estar fardado, repleto de medalhas de honra e ser inocente, corria dentro dos dois movimentos, por isso, se foi junto dos hippie's para longe, onde se perdeu do mundo e de Forrest mais uma vez.

O sociólogo David Meyer durante uma entrevista para o livro *Movimentos Sociais e Contexto Político* contextualiza a metáfora dos vendedores de guarda-chuva com a função dos ativista, onde eles (os ativistas), podem ter boas técnicas de venda, porém, no final o que realmente importa é a ameaça da chuva.

Os ativistas nem sempre estão atentos a isso, porque os ativistas sempre veem suas reivindicações como importantes. Eles são pessoas que vêm trabalhando no mesmo tema de forma heróica, enfática e admirável por décadas e décadas. Desigualdade, guerra nuclear, direitos animais, aborto são sempre proeminentes e são sempre as coisas mais relevantes do ponto de vista dos ativistas. E eu acho que essa abordagem, a orientação contextual, mostra que esses especialistas, os adeptos mais leais e dedicados não são pouco importantes, mas que a ação verdadeira acontece quando pessoas que não estão normalmente engajadas no assunto também falam que isso é importante e tendem a se juntar a eles. (MEYER, 2018, p. 203).

Ou seja, acredito que podemos dar os créditos do fim do Movimentos dos Panteras Negras à falta de interesse da população, o que envolve as práticas do racismo e segregação por parte da sociedade da época. O Movimento Hippie foi enfraquecido devido às tendências de moda e a serem relacionados aos rebeldes e a atos de desordem, porém, a exemplo dos Panteras Negras, ainda é um movimento que dita a origem de outras manifestações.

7. ALÉM DO FILME

Mercadologicamente falando, a obra de Zemeckis nos faz pensar também em sua importância e influência. E não, não estou falando de sua bilheteria de incríveis US\$678, 2 milhões, que são considerados números impressionantes para a época, e conquistando a segunda maior arrecadação do ano de 1994, estando atrás somente de *O Rei Leão*, da Disney.

Além da bilheteria expressiva de *Forrest Gump*, o filme deu origem a um empreendimento de sucesso: o restaurante Bubba Gump. Claro que não podemos deixar de relacionar o sucesso do restaurante com a ficção, já que no filme, a companhia “Bubba Gump” é creditado como “a maior empresa de camarões do mundo”, como vemos na cena em que Forrest sentado no ponto de ônibus afirma aos que estavam lhe ouvindo que havia “comprado 12 barcos Bubba Gump”, um senhor desacreditado acaba o chamando de mentiroso. Neste capítulo, exploraremos a importância do filme como um impulsionador para a expansão do legado cinematográfico para o eixo mercadológico global, analisando como o restaurante Bubba Gump se tornou presente em diversos países.

O restaurante Bubba Gump Seafood Company foi fundado em março de 1994, porém, suas atividades iniciaram-se somente dois anos depois como uma homenagem ao personagem Benjamin Buford "Bubba" Blue, o Bubba, pescador de camarões e melhor amigo de Forrest. O restaurante combina o tema do filme com um conceito de frutos do mar, baseado na sua paixão por camarões. A decoração e o menu foram projetados para refletir a atmosfera do filme, criando uma experiência imersiva para os fãs e os clientes.



Figura 11: Restaurante Bubba Gump em Monterrey, Califórnia

Fonte: <https://www.seemonterey.com/listings/bubba-gump-shrimp-co/1235/>

O sucesso inicial do primeiro restaurante Bubba Gump em Monterey, Califórnia, abriu caminho para a expansão do conceito para outras localidades. Atualmente, existem cerca de 40 restaurantes Bubba Gump, onde a maioria está centralizada nos Estados Unidos. A partir de 2015 passaram a operar no mundo todo, como Japão, Reino Unido, Malásia, México, entre outros. A marca Bubba Gump se tornou reconhecida globalmente, transcendendo fronteiras culturais e geográficas. O restaurante não apenas capitaliza o sucesso do filme "Forrest Gump", mas também contribui para a expansão do universo do filme, transformando-o em uma franquia mercadológica. A experiência oferecida pelo restaurante permite que os fãs se conectem com o filme, prolongando sua relevância muito além das telas do cinema.

Além disso, a estratégia de marketing do restaurante inclui uma série de produtos e souvenirs temáticos, como todas as mesas decoradas com a placa “corre Forrest, corre”, o banco da praça, no qual Forrest passa mais de uma hora de filme contando suas histórias, junto de seus sapatos esquisitos e sua maleta repleta de livros, o que aumenta ainda mais a experiência dos visitantes e impulsiona o reconhecimento da marca.

Os observadores da recepção são, dessa forma, limitados pelas grandes narrativas sobre o público que carregam consigo e que estão fervorosamente empenhados em confirmar durante suas pesquisas de campo. O sociólogo americano-israelense, Elihu Katz escreve:

um campo ‘prova’ que o público da televisão é mal-informado, indiferente, anônimo, alienado e vulnerável. O outro campo ‘prova’ que o espectador é atento, informado, integrado numa comunidade de interpretação, capaz de uma relação crítica frontal para com as mídias, suscetível de influenciar a opinião pública.”(KATZ, 1992, s.p).

No caso dos criadores do Bubba Gump, penso que seja uma aposta certa. Seus fundadores puderam ter esperado pela abertura devido ao sucesso do filme, que foi bem aceito pela crítica e hoje é considerado uma das grandes obras do cinema. Com a aprovação por parte da crítica e público, a abertura do Bubba Gump Shrimp Company foi realizada, o que tornou o restaurante um grande centro de procura de turistas.



Figura 12: Restaurante Bubba Gump no Pier de Santa Monica, na Califórnia

Fonte: <https://pacpark.com/bubba-gump-shrimp-company-santa-monica-pier/>

Ainda sobre o Bubba Gump no Pier de Santa Mônica, me parece mais uma aposta certa dos donos e fundadores. Um lugar de apelo cinematográfico, com elementos do filme e também as peças disponíveis para venda, como camisetas, e bonés, em um local de alto fluxo de turistas traz sempre grandes lucros ao restaurante de camarões.

8. REPENSANDO O FILME 30 ANOS DEPOIS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, surgiram algumas perspectivas críticas quanto às visões e os personagens do filme. De fato, nas inúmeras vezes que havia assistido a obra de Zemeckis, a ideia era sempre a mesma: Forrest Gump participa de forma ativa da história dos Estados Unidos. No decorrer desta monografia, compreendi que não, o personagem não fazia parte da história e sim era vendida a ideia de que fora um personagem importante dela.

Para isso, a análise audiovisual foi de extrema importância. O recorte de algumas cenas do filme para que nada raso fosse compartilhado teve que ser feito para que houvesse um fácil entendimento das ideias do diretor. Relembrando alguns autores que aqui foram citados, temos Cecília Azevedo (2016), que tem razão ao afirmar a simplicidade no qual a obra analisada trabalha de forma simples os assuntos complexos da época, porém, contesto a afirmação da autora ao afirmar que o filme não faz julgamentos, sendo que o tempo todo é mostrada somente a visão de um "autoritarismo" americano que faz parte da cultura do país. Entendo que nem mesmo Forrest seja livre de seus julgamentos pois demonstra sua insatisfação com as idas e vindas e com a situação confusa de Jenny.

No meio da monografia, vemos algumas questões emblemáticas quanto ao filme que tem que ser discutidas, como a maneira pela qual a Guerra do Vietnã é apresentada, de maneira clichê e de vista única para se dizer a verdade, o racismo enraizado de Hollywood e de outras produções de mídia estadunidense, que no filme Forrest Gump é apresentado de maneira simples e praticamente escondida, fazendo com que nem seja perceptível ao primeiro olhar, e também o machismo por parte da crítica e daqueles que estão assistindo o filme com a personagem Jenny, que dada sua importância como par romântico de Gump, é hostilizada e até mesmo taxada de "inútil" por alguns fãs da obra.

Também passamos por dois importantes movimentos culturais e ativistas do país: o Movimento Hippie e Os Panteras Negras, onde falamos um pouco sobre a constância desses movimentos, relembrando a metáfora do vendedor de guarda-chuvas (MEYER, 2018). Nele, Jenny apresenta a Forrest a uma outra realidade, daqueles que são contra a guerra. Realidade esta que, sem a personagem, Forrest não conheceria, já que o tempo todo, desde a formatura no ensino médio mencionada no início do trabalho, o protagonista é colocado em um papel de extrema influência. Ao longo de sua história na produção, percebemos a maneira pela qual Gump se insere na cultura fundamental dos Estados Unidos, sendo por ela influenciado.

Porém, na cena onde o herói se despede mais uma vez de sua amada, percebemos que

além da influência da cultura, temos também a influência das pessoas que a praticam, nesses casos, ativistas dos movimentos que são apresentados na obra de Zemeckis, com Forrest fazendo até mesmo o sinal da paz, em V, com os dedos, enquanto fardado.

Para o final das análises, temos o além do filme, onde falamos que com o sucesso da obra, cresceu-se outro sucesso no mercado, o Bubba Gump Shrimp Company, que é considerado o restaurante de camarões mais famoso dos Estados Unidos, e que hoje se expande para além da América, contando com 40 unidades espalhadas por todo o globo terrestre, ficando claro a habilidade das produções, sejam elas de cinema, televisão ou de qualquer outro meio, de influenciar as ideias daqueles que veem seus produtos.

Com a análise, ficou claro para mim que o filme estrelado pelo excelente Tom Hanks, em seu material bruto, não funcionaria nos tempos de hoje. Entendo também que a produção passaria longe dos seus quase 700 milhões de dólares de bilheteria, possibilitando inclusive, uma grande discussão nos meios de mídia, redes sociais e nos canais especializados. Com isso, me peguei pensando, como seria Forrest Gump - O Contador de Histórias se por acaso houvesse um remake nos anos atuais? Apresento abaixo algumas sugestões de minha autoria.

A princípio, o autoritarismo estadunidense não seria parte do filme. Vivemos em uma sociedade supostamente livre, onde podemos escolher o que queremos e o que vamos fazer, então, Forrest Gump se alista no exército, mas toda aquela tradição de ser abordado logo em seguida de sua formatura não existiria. O personagem decidirá se quer seguir carreira ou não.

A guerra seria outra pauta importante. O embate entre Ucrânia e Rússia estão aí para lembrar que acordos entre países podem ser desfeitos das mais maldosas maneiras, porém, uma guerra hoje em dia colocaria os Estados Unidos em um patamar mais elevado, pois se trata de uma liderança mundial, que também influencia a guerra entre países terceiros, que ataca outros países, inclusive.

No pós-guerra, Forrest pouco ligaria para o ping-pong e seu esporte favorito seria o futebol americano. Com os milhões pagos a jogadores da NFL, seu verdadeiro sonho seria um dia ganhar o Super Bowl.

O racismo seria abordado de forma mais definida. Veríamos muitas críticas quanto a esse costume de Hollywood em sempre deixar personagens de outras etnias, que não sejam brancos, com papéis menores. Se a obra fosse readaptada para os tempos de hoje, Bubba não morreria, e sim voltaria para o sul dos Estados Unidos, onde sua família se concentra, com devidas

condições financeiras para melhorar todo um bairro, cidade ou região.

O machismo seria outra questão importante para um filme na atualidade. Os abusos sofridos por Jenny seriam escancarados e abordados de forma mais explícita, em forma de denúncia, e certamente veríamos o responsável por eles, no caso, seu próprio pai, pagando a devida pena que merece por seus terríveis atos. Ainda sobre Jenny, ela não morreria de Hepatite ou de Aids, devido às formas de proteção eficazes e as vacinas desenvolvidas, mas teria sérias questões psicológicas quanto a seus traumas de infância, tendo inclusive, que procuraria ajuda especializada.

Utilizando da criatividade, Bubba e Forrest seriam os fundadores do Bubba Gump, e a história seria contada de forma que a companhia de camarões acabou por se tornar um restaurante conhecido no mundo todo. Com a compra das ações da Apple, abordada na obra original de 1994, Forrest teria uma fortuna de mais de 3 bilhões de dólares, somente em ações da desenvolvedora americana.

Por fim, se Forrest Gump - O Contador de Histórias fosse desenvolvido nos dias de hoje, certamente seria algo como uma comédia romântica, a história seria narrada em primeira pessoa, como em 1994, porém, o tom do personagem e a visão do público seria outra.

REFERÊNCIAS

ANAZ, Sílvio Antônio Luiz. **Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries**. Significação. São Paulo. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/159964/161882>. Acesso em: 05 de fev. de 2024.

AZEVEDO, Cecília. **“Forrest Gump”**: uma poesia conservadora. Revista Tempo Amazônico. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:

http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1506090543_ARQUIVO_OK03-ForrestGump.pdf. Acesso em: 20 de set. 2022.

CARVALHAL, Juliana Pinto. **Maurice Halbwachs e a questão da memória**. Revista Espaço Acadêmico, nº 56, jan. 2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/056/56/carvalhal.htm>. Acesso em: 25 de set. 2022.

CARVALHO, J.J. **Imperialismo cultural hoje: Uma questão silenciada**. Revista USP. São Paulo. vº 32. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/26032/27761>. Acesso em: 10 de fev. de 2024.

CORRÊA, Alessandra. **Quem foi o 'Messias Negro', líder dos Panteras Negras morto pela polícia e que agora é tema de filme**. BBC. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56095921>. Acesso em: 03 de fev, de 2024.

DAYAN, Daniel *et al.* **Cinematógrafo. Um olhar sobre a história.**: os mistérios da recepção. Bahia: Unesp, 2009. 496 p. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/164/4/Cinematografo.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2024.

FILHO, Kleber Mendonça. **Forrest Gump**. Disponível em:

<https://letterboxd.com/kmf/film/forrest-gump/>. Acesso em 03 de fev. de 2024.

FRAGA, Larissa Caldeira de. **Forrest Gump e o imaginário norte-americano**. Intercom. Rio de Janeiro. 11 p. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0438-1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

FREITAS, A. D. G. **Linguagem filmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações**. Revista de Administração da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0080210716303818>. Acesso em: 20 set. 2022.

GONÇALVES, Alícia. **Sobre o conceito de cultura na Antropologia**. Recife. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1416/1136>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 20 de set. de 2022.

KORNIS, Mônica. **História e Cinema: um debate metodológico**. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1940>. Acesso em: 30 de jan. de 2024.

LIPSET, Seymour. **Os valores norte-americanos numa perspectiva comparativa: uma visão detalhada do Canadá e dos Estados Unidos**. Revista de Direito Público e Ciência Política. Rio de Janeiro, 1965. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rdpcp/article/view/59650>. Acesso em: 26 de set. 2022.

MIRANDA, Anna Karolyne; ASSIS, Ingrid. **Campo semântico para o conceito de cultura na comunicação**. Tocantins. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1011>. Acesso: 25 de jan. de 2024.

OLIVEIRA, Rita Barreto de Sales. **Memória Individual e Memória Coletiva**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol. 13, pp. 339-348. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/memoria-individual-e-coletiva>. Acesso em 25 de set. 2022.

PEREIRA, M.M. **Movimentos Sociais e Contexto Político: Entrevista com David S. Meyer**. Psicologia Política. São Paulo. vº 18 (41). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v18n41/v18n41a15.pdf>. Acesso em: 09 de fev. de 2024.

PEREIRA, Marcelo Enrique Lopez da Cunha. **Cinema: memória audiovisual do mundo**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VPQZ-73BJW9/1/cinema_mem_ria_audiovisual_do_mundo.pdf. Acesso em 22 de set. de 2022.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 22 de set. de 2022.

Por que Jenny de ‘Forrest Gump’ é um dos personagens mais incompreendidos de todos os tempos [REVIEW]. Disponível em: <https://gov-civil-portalegre.pt/why-jenny-from-forrest-gump-is-one-of-the-most-misunderstood-characters-of-all-time-review-94966>. Acesso em: 31 de jan. de 2024.

Revista Rolling Stones. **8 lições valiosas que Forrest Gump nos ensinou**. Disponível em:

<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/8-lico-es-valiosas-que-forrest-gump-nos-ensinou/>. Acesso em: 31 de jan. de 2024.

SALGADO, Alexandre. **Forrest Gump e suas referências históricas**. Obvious Mag, São Paulo. 07 de jan. 2013. Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/prateleira_do_cuffman/2013/01/forrest-gump-e-suas-referencias-historicas.html. Acesso em: 20 de set. 2022.

SANTOS, Charteris; ALMEIDA, Fábio Chang de. **A figura do Tio Sam na propaganda política dos Estados Unidos em guerra**. Jovens pesquisadores: a ciência e o conhecimento do mundo. Rio Grande do Sul. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/74947/Resumo_20030598.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 de out. de 2022.

SILVA, Bruno. **O que foi a guerra do Vietnã?** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-a-guerra-vietna.htm>. Acesso em: 29 de jan. de 2024.

VANDA, Flores. **Traumas da infância e suas consequências nas várias etapas da existência humana**. Disponível em: <https://grupoomega.org/grupoomega/artigos/TRAUMAS-DA-INF%C3%82NCIA-E-SUAS-CONSEQU%C3%84NCIAS-NAS-V%C3%81RIAS-ETAPAS-DA-EXIST%C3%84NCIA-HUMANA.pdf>. Acesso em: 31 de jan. de 2024.

ZEMECKIS, Robert. **Forrest Gump – O Contador de Histórias**. Los Angeles: Paramount Pictures.